

nhor de aprimorada educação literária, que lhe forneceu seguras armas para a esgrima de suas interpretações e de seus raciocínios de cronista e de crítico. No jornal *A República*, de Fortaleza, adestrava-se na crítica, “de aristocrática feição”, nas seções *Convicções* e *Marginália*. Mas acima de tudo era um aristocrata da poesia, habitante eleito do Parnaso hereditário, onde “a arte escultural, fria, sóbria, só tem por fim ser bela”. O livro de versos, único publicado — *De Sonho em Sonho*, 1906, e mais os poemas inéditos de *Ocaso em Fogo* bastariam para confirmar a opinião de um dos seus biógrafos: a de que “ninguém tanto quanto ele atingiu, no Brasil, a perfeição na pura arte parnasiana, no sentido francês desta expressão” (Cruz Filho). Elegante conferencista, foi outra característica sua.

2º OCUPANTE

ERMÍNIO DE ARAÚJO e Silva. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, turma diplomada em dezembro de 1916. Nasceu na cidade de Itapipoca, em 23 de dezembro de 1891. Filho de Antônio Carlos de Araújo e Joana Teixeira de Araújo. Reputado latinista, foi professor do Liceu do Ceará e da Escola Normal de Fortaleza. Fiscal Federal do Consumo, transferiu-se definitivamente para o Rio de Janeiro, onde reside. Escreveu, entre outros trabalhos, *O Latim — Período Arcaico* e *O Latim — Período Clássico*, teses bem fundamentadas lingüísticamente e vazadas em português rigorosamente correto. Espírito gracejador, às vezes ferino, nem por isso deixou de ser muito estimado dos seus alunos e do meio intelectual cearense.

3º OCUPANTE

José Vicente SIDNEY NETO. Filho de Joaquim Ferreira dos Santos e Josefa da Trindade Sidney dos Santos. Nasceu em Fortaleza a 16 de setembro de 1893, para viver quase oi-

tenta anos, pois veio a falecer nesta mesma cidade no dia 31 de dezembro de 1972. Faleceu sozinho, sem ser percebido, no seu quarto da Casa do Estudante Pobre.

Estudou em Canindé, no Seminário Menor de Santo Antônio, e foi tipógrafo, empregando-se depois na Rede de Viação Cearense, hoje incorporada à REFFSA. Exerceu o cargo de Inspetor do Ensino, da antiga Diretoria da Instrução Pública do Estado, época em que, alto e de porte elegante, sabia vestir-se e freqüentar as rodas sociais.

Um dia, nunca se soube a causa, passou a viver vida boêmia, solitário e amigo dos pequenos bares onde, não raro, afogava nas águas ardentes a sua mágoa desconhecida e nunca revelada.

Poeta, o era “estranho, solitário e triste, incompreendido e amargo”, vendo o cada dia escoar-se, sem que resolvesse sair do seu desacompanhado celibato. Diz-se que nunca teve amores que lhe prendessem o coração.

O seu maior derivativo era o verso, que os fez muitos, românticos, líricos, parnasianos, produzidos um tanto ao léu, mas bem inspirados e corretos.

“Não foi um poeta excelso — afirma Artur Eduardo Benevides, que o admirava — de voz ressoante ou impregnada de altíssima beleza. Era um bardo, no sentido em que os latinos entendiam essa figura singular — *bardus*, dos poetas celtas encarregados de exaltar o valor dos heróis e a glória dos deuses, exortando guerreiros no combate, através de seu canto — *bardit*, de ampla repercussão.”

Com Jáder de Carvalho, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento publicou *O Canto Novo da Raça* (1927) e participou dos renovadores movimentos literários de *Maracajá* e *Cipó de Fogo*, de que eram fermento maior Demócrito Rocha e Mário Sobreira de Andrade.

Deixou várias produções, todas tipo folheto, porém de conteúdo válido. Afora outras: *Poemas Heróicos* (1937); *Poemas Indianistas do Brasil Virgem* (1940); *Oração à Pátria*; *A Caravana dos Magos* (1942), de inspiração integralista; *Sob o Meio e Trágico Luar de Verona*; *Recordação do Acampamento*

(1944); *Os Camponeses* (1946); *Altar* (1947); *Poemas Heróicos*, nova edição enriquecida (1951); *Criança, Amor* (1956); *Paisagens Brasileiras* (1957); *Orações da Hora Última* (1959). Veio para a Academia quando da fusão com a Academia de Letras do Ceará.

OCUPANTE ATUAL

Rafael SÂNZIO DE AZEVEDO. Nasceu em Fortaleza, no dia 11 de fevereiro de 1938, filho de Otacílio de Azevedo (ocupante da Cadeira nº 26) e Teresa Almeida de Azevedo. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia do Ceará. Foi revisor de jornais em Fortaleza e em São Paulo, onde trabalhou na Editora LEP e n' *O Estado de S. Paulo* (neste último durante quatro anos). Retornando ao Ceará, foi ainda revisor da Imprensa Universitária, redator e encarregado de pesquisas e publicações da Casa de José de Alencar, da Universidade Federal do Ceará. Abandonando o serviço público, ingressou no magistério superior, sendo atualmente professor do Departamento de Letras Vernáculas do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará e do Departamento de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia da FUNEDUCE. Na primeira, tem lecionado Literatura Cearense e Literatura Brasileira; na segunda, Literatura Cearense e Literatura Portuguesa. Publicou: *A Terra Antes do Homem*, 1962, de divulgação científica; *Cantos da Longa Ausência*, 1966, poemas; *Caminhos da Poesia*, 1968, ensaios; *Poesia de Todo o Tempo*, 1970, ensaios; *A Padaria Espiritual*, 1970, síntese histórica; *A Academia Francesa do Ceará*, 1971, síntese histórica; *O Centro Literário*, 1972, síntese histórica. Tem prontos para impressão os livros *Literatura Cearense* e *Sete Estudos de Poesia Cearense*. Vários de seus ensaios sobre poesia ou arte poética têm sido publicados em revistas cearenses. É ainda autor das notas da *Obra Poética* de Antônio Sales, 1968, e das notas e da apresentação de *Dolentes*, de Lívio Barreto, 1970, publicações da Secretaria de Cultura do Ceará. Guilherme de Almeida observou "em sua arte a virtude máxima de todo verda-